
Estéticas insurgentes e artistas: reflexões sobre cidades em disputa

Insurgent and artist aesthetics: reflections on cities in dispute

Otávio Raposo, Gleicy Silva, Caterine Reginesi e Paulo Raposo



Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/pontourbe/15239>

DOI: 10.4000/pontourbe.15239

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrónica

Otávio Raposo, Gleicy Silva, Caterine Reginesi e Paulo Raposo, «Estéticas insurgentes e artistas: reflexões sobre cidades em disputa», *Ponto Urbe* [Online], 31 v.1 | 2023, posto online no dia 25 julho 2023, consultado o 28 setembro 2023. URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/15239> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.15239>

Este documento foi criado de forma automática no dia 28 de setembro de 2023.



Apenas o texto pode ser utilizado sob licença CC-BY-4.0. Outros elementos (ilustrações, anexos importados) são "Todos os direitos reservados", à exceção de indicação em contrário.

Estéticas insurgentes e artistas: reflexões sobre cidades em disputa

Insurgent and activist aesthetics: reflections on cities in dispute

Otávio Raposo, Gleicy Silva, Caterine Reginesi e Paulo Raposo

NOTA DO EDITOR

Versão original recebida em / Original version 15/02/2022

Aceito em / Accepted 01/03/2023

- 1 Intervenções estéticas mobilizadoras de agência política vem ganhando destaque no modo como diferentes populações articulam ações coletivas, reivindicações, e representações alternativas num mundo atravessado por crises diversas. A crescente importância das práticas artístico-culturais como instrumento de protesto e mobilização por uma vida mais justa contraria a ideia de alienação (ou despolitização) da sociedade atual. Este, aliás, é um rótulo que recai particularmente entre aqueles que dispõem de uma cidadania precária por serem jovens, pobres, negros, imigrantes, moradores de bairros segregados ou detentores de corpos, ou talvez antes, corpos, considerados indesejáveis. A partir de mobilizações artístico-ativistas, produções culturais ou dispositivos digitais, sujeitos em situação de subalternidade constroem sociabilidades, visões de mundo e estéticas engajadas capazes de promover identidades positivas, contrariar estereótipos e revelar vivências invisibilizadas na cidade. Pensando na relevância desses debates, neste dossiê buscamos refletir sobre a agência política e a construção de narrativas dissidentes a partir de influentes circuitos musicais, audiovisuais e digitais; das práticas culturais juvenis que ocupam o espaço público; do ativismo que reclama o “direito à cidade”; da performatividade interseccional e de estratégias metodológicas experimentais como espaço de enunciação e produção de memória e conhecimento sobre a cidade. Trata-se, sobretudo, de refletir sobre formas de resistência nem sempre implicadas num confronto direto com o sistema capitalista e a sociedade de mercado, mas que envolvem

disputas de sentido e desestabilizações nas políticas de representação hegemônica. Num momento de atualização das agendas de luta e emergência de novas possibilidades de participação cidadã, importa não reduzir o campo político ao ato de votar ou às estruturas tradicionais de organização (partidos, sindicatos, associações etc.) sob pena de captarmos uma diminuta faixa de cidadania potencialmente ativa. Até porque há uma descrença ou, pelo menos, um desinvestimento na crença na eficácia das eleições e da representatividade eleitoral na democracia moderna como algo fundamental na ação política, nomeadamente entre as novas gerações. Não é por acaso que alguns autores chamam a atenção para a necessidade de descortinar domínios de participação política mais fluídos, individualizados e espontâneos (Bennett; Segerberg, 2011; Campos; Sarrouy, 2020), em que as esferas do lúdico, dos estilos de vida e da criatividade ocupam uma posição central (Soep, 2014; Street; Inthorn; Scott, 2013).

- 2 O campo das culturas juvenis tem sido particularmente profícuo na compreensão das práticas artísticas e simbólicas para o exercício da cidadania e da contestação política (Hall; Jefferson, 1976), quando ações moleculares de resistência urbana são construídas através de experiências estéticas modeladoras de formas de estar no mundo. Paralelamente, as transformações no campo das tecnologias comunicativas vieram alargar as possibilidades de engajamento político, abrindo novas possibilidades de intercâmbio de conhecimentos e construção da insurgência entre populações alijadas do poder. É neste sentido que novos modos de participação política e interpelação crítica das injustiças sociais são encontradas em performances artistas (Júnior, 2022; Raposo, 2022a), tours de street art (Raposo, 2023), ocupações de unidades de ensino (Barreto, 2018; Corti; Crochik, 2021), ou difundidas por jovens de camadas populares através de conteúdos musicais, dispositivos digitais e videográficos (Pardue, 2015; Aderaldo; Raposo, 2016; Garrido; Raposo, 2020). Parafraseando Rys Farthing, “para muitos jovens a política é o agora, eles não votam a mudança; mas fazem a mudança” (2010:189). A criatividade desempenha um papel fundamental nesse processo, ampliando a participação política por meio de pautas levantadas pelas micropolíticas do cotidiano e gerando dissenso através de uma criatividade artística e uma inventividade reativa às desigualdades sociais, raciais e de gênero (cf. Blanes *et al.* 2016). Embora haja uma captura do senso da criatividade pela racionalidade neoliberal – em que esta passou a ser vista tanto como um produto ao serviço da cidade criativa (Landry, 2000; Florida, 2002) quanto um recurso de resolução de problemas sociais (Richard and Marques, 2012; Yúdice, 2013) e governamentalidade comunitária (Raposo, 2022b) –, vale a pena problematizarmos esse conceito a partir do uso crítico de alguns autores. A ideia de improvisação cultural proposta por Hallam e Ingold (2007) vai de encontro com a perspectiva desse dossiê, justamente por contrariar o paradigma de mercado, e chamar a atenção para uma criatividade cotidiana enraizada nos domínios da vida social. Jean Burgess, por outro lado, utiliza o termo “criatividade vernacular” (2006) para valorizar os aspetos não elitista e popular das práticas do dia a dia que ensejam uma cidadania cultural, mas que, em geral, não são consideradas como criativas. Ambos os conceitos trazem várias contribuições epistemológicas para a reflexão sobre as novas maneiras de “fazer política” e ressignificar a realidade, cuja dinâmica de subversão se faz no ritmo do cotidiano e nos encaixes criativos potenciados pela arte e as novas tecnologias.
- 3 Já há longo tempo que no campo da antropologia, autores como James Clifford e George Marcus (1986) haviam chamado a atenção para o que definiram como as *poéticas e*

políticas da representação na cultura, e fizeram-no sobretudo no sentido de romper com as lógicas convencionais e com os cânones clássicos estabelecidos do texto etnográfico e das realidades culturais neles reproduzida. Quer o corpo, quer a dimensão performativa da cultura, os elementos cinestésicos e sensoriais foram sendo convocados de forma não apenas descritiva ou etnográfica, mas mesmo epistemológica e metodologicamente e, digamos, alicerçada nas rupturas teóricas pós-modernas, pós-estruturalistas e fenomenológicas que se foram processando, sobretudo, no campo disciplinar da antropologia.

- 4 Por outro lado, pensando junto com Roger Sansi (2014), Arnd Schneider e Christopher Wright (2006), apenas para referir alguns daqueles que mais se têm debruçado sobre este assunto, todos eles abordam a “virada social” na arte contemporânea, situando e explicitando como o trabalho entre artistas e antropólogos, para além da relação entre arte e antropologia, tem produzido diálogos transversais muito estimulantes. Estes autores defendem que as práticas artísticas e antropológicas se entrelaçaram a partir de interesses mútuos e visões do mundo, e, dessa forma, propiciaram aproximações entre práticas etnográficas e métodos artísticos, potenciando formas de produzir engajamentos sociais e coletivos. Quer na produção artística contemporânea quer nas etnografias, torna-se, assim, recorrente uma atenção especial à participação e à colaboração, em uma relação possível, mas também frequentemente mediada pela efemeridade e pelo acaso.
- 5 Sansi e Strathern (2016) explicam como os antropólogos e os artistas procuram performar a vida cotidiana nos seus processos ambíguos de representação poéticos e políticos da cultura. Paralelamente a este movimento dialógico de cruzamento de campos disciplinares, a intensa intersecção entre arte e política tem gerado um conjunto de noções que, sobretudo no campo das ciências sociais, nos ajuda a compreender as diversas formas de estéticas engajadas na produção de discursos contra-hegemônicos e nos processos de transformação social. Um dos conceitos mais amplamente empregues é o de “ativismo”, um neologismo que busca enfatizar a relevância da arte para amplificar ativismos e resistências (Sandoval; Latorre, 2008; Raposo, 2015, 2022; Garrido; Raposo, 2019).
- 6 Recentemente, Ribamar Junior (2022) procurou estabelecer uma síntese da emergência deste termo, trazendo o trabalho de diversos autores. Diz ele que Rui Mourão (2015) defendia que o termo “ativismo” teria emergido a partir da primeira década do século XXI, em pequenos círculos de meios artísticos e acadêmicos norte-americanos e depois europeus, mas que esse processo de emergência confluiu e se intersecciona com os chamados protestos políticos dos “novíssimos movimentos sociais”. No cenário do Brasil, Junior (2022) refere que tanto André Mesquita (2008) quanto Alexandre Vilas Boas (2015) pontuam que foi em uma reportagem da Folha de São Paulo de 2003 que surgiu pela primeira vez o termo “artista”. Ribamar Junior (2022) conclui ainda que tal como sugere João Trevisan (2018), numa pesquisa em torno da homossexualidade, o ativismo terá ganho ainda mais fôlego com as chamadas Jornadas de Junho (2013), nas quais se revelaram como novos (e velhos) coletivos “se organizaram para transformar a participação cidadã em uma experimentação estética em ritmo de guerrilha cultural” (Junior, 2022, p. 11). Por fim, Julia Ruiz di Giovanni (2015) refere que existe uma fluidez e uma abertura comunicativa entre práticas que transitam entre arte e ativismo a partir dos anos 1990, associadas à emergência de formas de ação e organização política através de modos de fazer comuns a ativistas e artistas, e à dimensão poética e

performática das ações coletivas por eles desenvolvidas. Essas práticas artísticas e ativistas – ou seja, o neologismo conceitual “ativismo”, instável tanto no campo das Ciências Sociais como no campo das Artes, como sugeria Raposo (2015) – implicam, dessa forma, processos de experiência subjetiva que criam espaços políticos de experimentação, onde se atualizam gestos políticos e se potenciam eventuais transformações sociais.

- 7 Neste dossiê, pensamos, todavia, que, por um lado, podemos distinguir níveis diferenciados de disputas e escalas distintas de intervenção sobre a cidade através de práticas artísticas. Digamos que o ativismo envolve claramente um engajamento político com alto grau de comprometimento em causas sociais, em que a criação artística está em confluência com a reivindicação, a dissidência e o confronto direto com as instâncias de poder e, por essa razão, com fortes ambições de transformação social. A estética insurgente, por sua vez, não tem necessariamente como finalidade um projeto de transformação social, remetendo para um engajamento flexível, individualizado (ou de coletivos efêmeros) e menos imediato daquilo que são os desejos de mudança – embora a possa vir a desencadear. Por outro lado, destacamos ainda as novas formas de participação cívica e lutas pela cidade protagonizadas por aqueles que vivem em áreas socialmente periféricas (Caldeira, 2012; Holston, 2013), em que as intervenções estéticas são instrumentos privilegiados para deslocar disposições de poder e vincular representações a partir da perspectiva daqueles que são marginalizados pela atual ordem neoliberal. Como referido noutro lugar, estéticas insurgentes “(...) quer chamar a atenção para o potencial de certas expressividades estéticas – de índole artística, cultural, lúdica e criativa – em gerar ações mobilizadores capazes de desconstruir as representações hegemônicas sobre si próprios e os seus lugares de origem” (Raposo; Sedano; Lima, 2020).
- 8 Num momento em que os espaços públicos urbanos e as suas fronteiras (físicas e simbólicas) vêm se tornando alvo contínuo de múltiplas formas de uso, representação política, dissidência e possibilidade criativa, surgem novas indagações que, por sua vez, exigem maior aprofundamento analítico. Tendo em vista o atual contexto de precarização das relações laborais, pandemia do covid-19, crise económica-ambiental, ataque ao direito à diversidade e avanço de modelos ultraliberais e autoritários na geopolítica internacional, este dossiê pretende gerar um espaço de partilha de experiências de pesquisa de cariz interdisciplinar que enfoquem novos significados e dimensões vinculados a activismos e estéticas insurgentes que fazem da cidade um palco privilegiado de disputas políticas.
- 9 Nosso dossiê abre com o artigo “Contra-en(cantar) o bairro. Poéticas da paisagem do rap crioulo na Área Metropolitana de Lisboa”, de autoria de Gabriela Leal. Neste trabalho, a antropóloga nos apresenta parte de sua etnografia realizada com mulheres rappers na cena de rap crioulo em Portugal. Ao refletir a respeito do rap crioulo enquanto poética da paisagem e tecnologia de contra-encantamento capaz de desestabilizar arranjos espaciais hegemônicos e provocar fraturas em narrativas coloniais, a autora aponta para ferramentas dissidentes de imaginação espacial e política constitutivas das formas de habitar e de inventar fronteiras urbanas em diáspora na contemporaneidade.
- 10 O artigo de Renata da Silva Melo, que tem como título “‘O Rio de Janeiro é mais que a cidade do Rio de Janeiro’: circuitos urbanos e coletivos audiovisuais da Baixada Fluminense”, apresenta um relato etnográfico acerca de dinâmicas de sociabilidade e processos de disputa e imaginação da cidade do Rio de Janeiro que se dão a partir de

intervenções estéticas e da linguagem audiovisual. Desafiando a centralidade de certos espaços da cena cultural carioca, bem como a representação hegemônica da periferia como paisagem monótona, cinzenta e “sem cultura”, a autora mostra de que modos tais circuitos atuam na produção de novas representações e formas de circulação pelo espaço urbano, e que incidem na resignificação da Baixada enquanto potência criativa nos modos de imaginar e de fazer cidade.

- 11 Em “Experiência urbana gay afeminada e modos de resistência na cidade contemporânea”, Victor Hugo Belarmino, Magda Dimenstein e Jáder Ferreira Leite tratam da micropolítica cotidiana que homens gays autodefinidos afeminados desenvolvem como expressão de autoafirmação, confronto e desobediência normativa sobre as expectativas de gênero e sexualidade na cidade de Natal/RN. Entendendo a afeminação como um fator de vulnerabilização dos sujeitos no espaço urbano, particularmente atrelado a outros marcadores da diferença como raça e classe, os autores e a autora buscam compreender os modos de opressão vivenciados, bem como as estratégias de resistência que modulam corpos-cidade. Desse modo, chamam atenção para práticas de desobediência e performances que reivindicam o direito a cidade e fazem “contra-usos” que combatem as barreiras invisíveis das dinâmicas de controle social e marginalização, transformando espaços originalmente moldados para o consumo, em espaços políticos de visibilidade pública e contestação.
- 12 No artigo “Caminhadas e itinerários entre Rio de Janeiro e Lisboa. Artistas e ativistas urbanos entre sociabilidades e formas de resistir”, Catherine Reginensi e Paulo Raposo propõem a caminhada e os itinerários enquanto experiências teórico-metodológicas para pensar expressões artístico-ativistas e o contexto urbano. A partir de pesquisas de campo situadas entre Rio de Janeiro e Lisboa, com duas artistas graffiteiras e com a associação cultural de ativistas negros Batoto Yetu, pesquisadora e pesquisador deixam-se conduzir pela prática, pela performance, pela política. Por entre itinerários da arte urbana e da visibilização da presença africana, por entre disputas narrativas e de lugares de memórias, os sujeitos e as sujeitas da pesquisa tornam-se guias e direcionam os caminhos, elaborando uma reflexão crítica das tantas existências urbanas marginalizadas e invisibilizadas nos contextos das cidades neoliberais, enquanto fazem mundo.
- 13 O texto “‘Enquanto eu dormia, cavaram uma cova no fundo do meu peito’: Mineração, deslocamento compulsório e pichações nas ruínas de cinco bairros fantasmas” (Maceió-AL) é de autoria de Luiza Souza, Aissa Petronilho e Carlos Eduardo e tem como pano de fundo o desastre socioambiental na cidade de Maceió/AL, devido à exploração de sal-gema pela petroquímica Braskem S/A. O trabalho etnográfico apresenta uma reflexão a respeito das pichações e conjuntos de imagens, enquanto formas de denúncia e protestos sobre ruínas dos bairros atingidos, condenados e abandonados. Ao considerarem tal desastre como um evento crítico, nos termos de Veena Das, que produz a aniquilação material e subjetiva de um mundo compartilhado, as autoras e o autor interpretam as intervenções nos muros da cidade como formas de denúncia da violência e das desigualdades, mas também enquanto formas de experienciar o luto e elaborar uma memória coletiva.
- 14 Em “‘Banho de Sangue’: expressões corporais, artísticas e políticas nos espaços urbanos de Teresina”, Eliane Couto e Mariane Pisani dão relevo para as disputas políticas em torno das lutas por moradia urbana, e das lutas antirracistas e feministas na cidade. Tomando como cena etnográfica a performance e protesto político “Banho de Sangue”,

idealizada e realizada por Luzia Amélia Marques, encenada em distintos espaços da cidade, as autoras refletem a respeito do ativismo enquanto um movimento entre experimentação política e estética que se dá no fazer coletivo. Igualmente, ressaltam a interseccionalidade como categoria incontornável para pensar formas de subalternização e de opressão racial, de classe e de gênero, que atravessam o cotidiano da população da cidade de Teresina/PI, enunciadas pela performance, cujos desdobramentos produzem inúmeros embates, observados, particularmente, através das mídias sociais.

- 15 O trabalho de Letícia Galvão e Frank Marcon traz como título “Práticas culturais juvenis e a cidade como lócus de ação política e disputa de sentidos sobre o espaço público” e se desdobra sobre a produção artística e os estilos de vida de grupos juvenis, na cidade metropolitana de Aracaju/SE, enquanto formas de comunicação política e reivindicação de direito à cidade. Com base no acompanhamento de distintos coletivos vinculados especialmente ao punk e ao hip hop, ao slam poetry, à prática do skateboarding e ao grafitti, autora e autor refletem a respeito das tensões que permeiam o debate público sobre a relação entre juventude, ação cultural e política nos modos de ocupação da cidade.
- 16 Por fim, para fechar o nosso dossiê, apresentamos o artigo “Exercer o direito à cidade: o Canto do MARL como possibilidade de um fazer artístico popular em Londrina, Paraná”, de autoria de Giovanni Cirino e Laís Vieira, o qual tem como objetivo analisar como se dá a gestão pública no que diz respeito aos serviços e bens culturais para as populações que estão nas margens da cidade. Como estudo de caso, a pesquisa trata da “okupação” realizada pelo Movimento dos Artistas de Rua de Londrina/PR para refletir sobre o papel das políticas de cultura nas formas de fazer-cidade.
- 17 O conjunto de trabalhos presentes neste dossiê se destaca pela diversidade temática, privilegiando contextos de pesquisa variados no cenário brasileiro e fora dele. Do mesmo modo, prezamos pela diversidade institucional e pelo diálogo interdisciplinar. Agradecemos aos autores e às autoras que participam neste dossiê permitindo diversificar situações, espaços e problemáticas em torno das estéticas engajadas em contexto urbano e desejamos a todos, todas e todes uma leitura estimulante.

BIBLIOGRAFIA

ADERALDO, Guilherme; RAPOSO, Otávio. Shifting borders: notes on aesthetic interventions, cultural economy and youth mobility in segregated areas of São Paulo and Lisbon. **Horizontes Antropológicos**, v. 22, n. 45), p. 279-305, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832016000100011>

BARRETO, Alessandra Siqueira. Ocupa ICHF: processos de luta e artes de fazer entre estudantes universitários em Niterói, Rio de Janeiro. GONÇALVES, Renata de Sá; Ferro, Lígia (eds.). **Cidades em Mudança**: processos participativos em Portugal e no Brasil, Rio de Janeiro, Mauad X, 224p.

- BENNET, W. Lance; SEGERBERG, Alexandra. Digital media and the personalization of collective action: Social technology and the organization of protests against the global economic crisis. **Information, Communication & Society**, v. 14, n. 6, p. 770-799, 2011. DOI: 10.1080/1369118X.2011.579141
- BLANES, Ruy; FLYNN, Alex; MASKENS, Maïté; TINIUS, Jonas. Micro-utopias: anthropological perspectives on art, relationality, and creativity. **Cadernos de Arte e Antropologia**, v. 5, n. 1, p. 5-20, 2016.
- BURGESS, Jean. Hearing Ordinary Voices: Cultural Studies, Vernacular Creativity and Digital Storytelling. **Continuum. Journal of Media & Cultural Studies**, v. 20, n. 2, p. 201-214, 2006. DOI: 10.1080/10304310600641737
- CALDEIRA, Teresa. Inscrição e circulação: novas visibilidades e configurações do espaço público em São Paulo. **Novos Estudos – CEBRAP**, n. 94, p. 31-67, 2012
- CAMPOS, Ricardo; SARROUY, Alix. Juventude, Criatividade e Agência Política, Revista TOMO, n.36, p.7-42, Jan./Jun. 2020.
- FLORIDA, Richard. **The Rise of the Creative Class and How It's Transforming Work, Leisure, Community and Everyday Life**. New York: Basic Books, 2002.
- GARRIDO, Carlos; Raposo, Otávio. Bottom-Up Creativity and Insurgent Citizenship in Afro Lisboa. **Cultural Dynamics**, v.32, n.4, p.328-351, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1177/0921374020949057>
- GARRIDO, Carlos Castellano; RAPOSO, Paulo. “Introdução: Pode a arte mudar a sociedade?” In **Textos para uma História da Arte socialmente comprometida**, Sistema Solar, Lisboa, 2019.
- GIOVANNI, Julia Ruiz Di. Artes de abrir espaço. Apontamentos para a análise de práticas em trânsito entre arte e ativismo. **Cadernos de Arte e Antropologia**, v.4, n. 2, p.13-27, 2015.
- HALLAM, Elizabeth; INGOLD, Tim. **Creativity and cultural improvisation**. New York: Berg Publishers, 2007.
- HOLSTON, James. **Cidadania insurgente: disjunções da democracia e da modernidade no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- JÚNIOR, Ribamar José de Oliveira. Artivismo em performance: afetações estéticas e vertigens antropológicas, **Novos Debates**, v.8, n.1, E8117, DOI: 10.48006/2358-0097/V8N1.E8117, 2022
- LANDRY, Charles. **The Creative City: A Toolkit for Urban Innovators**. London: Earthscan, 2000.
- MESQUITA, André Luiz. **Insurgências poéticas: arte ativista e ação coletiva (1990- 2000)**. Dissertação de Mestrado em História. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- MOURÃO, Rui. Performances artistas: incorporação duma estética de dissensão numa ética de resistência. **Cadernos de Arte e Antropologia**, v. 4, n.2, p.53-69, 2015.
- PARDUE, Derek. **Cape Verde, Let's Go: Creole Rappers and Citizenship in Portugal**, Champaign: University of Illinois Press, 2015.
- RAPOSO, Otávio. The Art of Governing Youth: Empowerment, Protagonism, and Citizen Participation. **Social Inclusion**, v.10, n.2, p.95-105, 2022b. DOI: <https://doi.org/10.17645/si.v10i2.5080>
- RAPOSO, Otávio. Street Art Commodification and (An)aesthetic Policies on the Outskirts of Lisbon. **Journal of Contemporary Ethnography**, v.52, n.2, p.163-191, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1177/08912416221079863>

RAPOSO, Otávio; SEDANO, Livia Jiménez; LIMA, Redy Wilson. Introdução ao dossiê juventudes, decolonialidades e estéticas insurgentes. **Revista Tomo**, n.37, p.9-16, Jul./Dez. 2020. DOI: 10.21669/tomo.vi37.14034

RAPOSO, Paulo. «“Artivismo”: articulando dissidências, criando insurgências», **Cadernos de Arte e Antropologia**, v. 4, n. 2 | -1, 3-12, 2015.

RAPOSO, Paulo. “Performances políticas e artivismo : arquivo, repertório e re-performance **Novos Debates**, 8(1): E8119

RICHARDS, Greg; MARQUES, Lenia Marques. Exploring Creative Tourism: Introduction. **Journal of Tourism Consumption and Practice**, v. 4, n. 2, p. 1-11, 2012.

SANDOVAL, Chela & LATORRE, Gisela. (2008). "Chicana/o Artivism: Judy Baca's Digital Work with Youth of Color," in **Learning Race and Ethnicity: Youth and Digital Media**, Anna Everett (ed.), Cambridge MA: MIT Press. p. 81-108.

SANSI, Roger. **Art, anthropology, and the gift**. London: Bloomsbury, 2014.

SANSI, Roger; STRATHERN, Marilyn. Art and anthropology after relations. **HAU: Journal of Ethnographic Theory**, v. 6, n. 2, p. 425-439, 2016.

SCHNEIDER, Arnd, WRIGHT, Christopher. **Contemporary Art and Anthropology**. Oxford and New York, Berg, 2006.

SOEP, Elisabeth. **Participatory Politics: Next-Generation Tactics to Remake Public Spheres**. Cambridge, Mass: The MIT Press, 2014.

STREET, John; Inthorn, Sanna e Scott, Martin. **From entertainment to citizenship**. Manchester: Manchester University Press, 2013.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia a atualidade**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

VILAS BOAS, Alexandre Gomes. **A(r)tivismo: arte + política + ativismo - sistemas híbridos em ação**. Dissertação de Mestrado em Artes. Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2015.

YÚDICE, George. **A conveniência da cultura: usos da cultura na era global**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

ÍNDICE

Palavras-chave: estética, artivismo, práticas artísticas, espaço público, cidade

Keywords: aesthetics, artivism, artistic practices, public space, city

AUTORES

OTÁVIO RAPOSO

Doutor em Antropologia e Professor Convidado do Instituto Universitário de Lisboa. Pesquisador do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia, com financiamento da FCT (DL57/2016 – Lei nº 57/2017)

E-mail: Otavio_Raposo@iscte-iul.pt

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8000-6901>

GLEICY SILVA

Doutora em Antropologia pela Universidade de São Paulo e Pós-Doutoranda do Núcleo de Estudos de Gênero da Universidade Estadual de Campinas

E-mail: gleicysilva@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6295-5000>

CATERINE REGINESI

Doutora em Sociologia pela Université de Paris VIII e Professora Titular da Universidade Estadual do Norte Fluminense

E-mail: creginensi@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8032-6144>

PAULO RAPOSO

Doutor em Antropologia e Professor Associado do Departamento de Antropologia do Instituto Universitário de Lisboa. Pesquisador do Centro em Rede de Investigação em Antropologia e do Laboratório Associado para a Investigação e Inovação em Património, Artes, Sustentabilidade e Território, com financiamento da FCT (UID/04038/2020)

E-mail: pjp.raposo@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0857-9785>